

Revista Adventista

Órgão Geral da Igreja Adventista do Sétimo Dia em Portugal

Março de 1994



NESTE NÚMERO

- 2 O Mestre está cá e chama-te...**
Por Maria Sales
- 3 A Implantação do Adventismo em Portugal**
Por Joaquim Dias
- 5 Renovação e Reconsagração**
Por Robert S. Folkenberg
- 6 Coreia do Norte: O maior país em que a mensagem do Advento ainda não penetrou**
Por Charles R. Taylor
- 8 «Guarda, que houve de noite?»**
Por Pedro Brito Ribeiro
- 10 Estónia: a igreja que as bombas não puderam destruir**
Por Lilya Wagner
- 12 Lei e Conhecimento do Pecado**
Por Paulo Renato F. Garrochinho
- 14 Cristo é a Solução**
Por Ezequiel Quintino
- 16 Notícias**

PENSAMENTO DO MÊS

Deus forma o homem, o pecado o deforma; a escola o informa; mas somente Cristo o transforma.

Walter B. Knight

O Mestre está cá e chama-te...

O Mestre está cá e chama-te...
Porque não vens sentar-te a Seus pés e escutar-Lhe a voz?

Deixa que te fale
em suave murmúrio.
Ouve-Lhe a mensagem
de paz e de amor,
e sente em teu ser,
— na voz do silêncio —
do Bom Mestre, o querer.

Deixa que te diga
o quanto te amou
e como o Seu sangue
por ti derramou.
Tomou o teu lugar.
Quer dar-te o perdão.
É teu Mestre divino,
Vida e Salvação.

Traz-Lhe teus anseios,
teus íntimos receios,
teus sonhos e pesares.
Confia-Lhe as lutas,
os teus dissabores,
alegrias, vitórias,
angústia e temores.
Senta-te a Seus pés
e aprende a escutar.
Deixa-O ensinar-te
como deves amar.
Ansioso Ele espera
da tua entrega o gesto.
Não demores!
Jesus te ama!
Vem lesto!
Não resistas mais
ao doce convite
do Seu terno chamar.

O Mestre está cá e chama-te...
Vem sentar-te a Seus pés
e escutar-Lhe a voz...

Maria Sales
Igreja de Almada

Revista Adventista



PUBLICAÇÃO MENSAL

Março de 1994 — Ano L • N.º 562

DIRECTOR:

J. Dias

REDACTORA:

M. R. Baptista

PROPRIETÁRIA E EDITORA:

Publicadora Atlântico, S.A.

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Rua Joaquim Bonifácio, 17
1199 Lisboa Codex
Telef. (01) 542169

PREÇOS:

Assinatura Anual 1100\$00
Número Avulso 100\$00

EXECUÇÃO GRÁFICA:

Santos & Costa, Lda.
Vale Travelho • Pedreiras
2480 Porto de Mós
Telef. (044) 402413
Fax: (044) 401575

Depósito Legal n.º 2705/83



A Implantação do Adventismo em Portugal

Foi em 1904 que Charles Rentfro chegou a Portugal para, juntamente com a sua jovem esposa, pregar a mensagem do advento. Os primeiros tempos foram de dificuldade e de oposição, tendo que aguardar vários anos para baptizar por imersão nas águas do rio Tejo, junto à praia de Carcavelos, a primeira pessoa na fé adventista.

Com a vinda do pastor Schwantes do Brasil, a mensagem adventista passou a ser pregada também na cidade do Porto. Embora com uma certa lentidão, mas graças sobretudo ao esforço dos colportores, que iam de terra em terra, vendendo bíblias e livros com a mensagem profética, a fé adventista atingia os corações, penetrava nos lares e formava comunidades em algumas localidades do nosso país.

Lisboa e Porto foram os primeiros centros importantes na irradiação da mensagem da volta de Cristo, seguindo-se outras cidades do litoral e do interior, como Coimbra, Portalegre e Tomar. Os nossos pioneiros em Portugal, pastores, colportores e membros da igreja, acreditavam nas palavras do sábio Salomão, «lança o teu pão sobre as águas, porque depois de muitos dias o acharás. Reparte com sete, e ainda até com oito, porque não sabes que mal haverá sobre a terra» (Ecl. 11:1, 2). Em meio de preconceitos, lutas e perseguições, o Evangelho Eterno foi pregado, igrejas foram abertas e escolas estabelecidas para a formação de pastores e missionários, que na década de 1930 seguiram para os territórios de língua portuguesa em África.

Graças a esse esforço, e a essa visão de homens e mulheres, que aceitaram o desafio de Jesus, «ide por todo o mundo, pregai o

evangelho a toda a criatura. Quem crer e for baptizado será salvo; mas quem não crer será condenado» (Marc. 16:15, 16), hoje a Igreja Adventista em Portugal está implantada em mais de 100 lugares de culto no nosso país. A sua implantação penetra marcadamente na sociedade portuguesa, pois não se limita somente à importante acção desenvolvida nas igrejas; devemos ter em conta também a acção formativa e penetrante das nossas escolas, do Lar para a Terceira Idade, do Dispensário Médico, do parque de Campismo para a Juventude, das várias dezenas de programas semanais da «Voz da Esperança» na Rádio, dos Cursos Bíblicos por Correspondência, dos Programas Comunitários realizados nas igrejas e em lugares públicos e pelo importantíssimo ministério desenvolvido em conjunto pela Publicadora Atlântico e pelos colportores.

Cada uma destas acções mereceria um desenvolvimento especial; não o fazemos por falta de espaço, limitando-nos às duas últimas;

Programas Comunitários: Bastará referir-nos ao «Plano de Cinco Dias Para Deixar de Fumar», aos Seminários de Control do Stress, de Nutrição e de Família, «Natal Amigo» e acções da Juventude pela Juventude, como os grupos Aliança, Projecto 70, Alfa, Conta Comigo, Servir, etc.

Quando há cerca de trinta anos a Igreja Adventista começou a campanha anti-tabágica era pioneira nessa área e lutava sozinha contra uma forte oposição; hoje não só é solicitada para colaborar com os organismos de saúde preocupados com este flagelo social, como até o Plano de Cinco Dias é reconhecido como o método mais eficaz para se libertar do cigarro (Ver Revista *Pro*

Teste nº 131, Nov. 1993, editada pelo Deco). O mesmo está acontecendo com os Seminários de Nutrição, de Controlo do Stress e sobre a Vida Familiar. Por outro lado, o envolvimento da Juventude em projectos sociais está provado ser o melhor antídoto contra a droga, a criminalidade e a marginalização.

Publicadora Atlântico: Nesta implantação da mensagem adventista na sociedade portuguesa merece uma menção especial a obra desenvolvida pela Publicadora Atlântico. Fundada em 1924, tem publicado centenas de milhares de livros nos ramos da Saúde, Educação, Família e Vida Espiritual. É de salientar ainda que a Publicadora Atlântico é pioneira, em Portugal, na prevenção da saúde, publicando há cinquenta e dois anos ininterruptamente a conhecida revista *Saúde e Lar*, com uma edição mensal de 25.000 exemplares. Além disso publica também a revista *Nosso Amiguinho*, numa média de 30.000 exemplares por mês e trimestralmente 55.000 exemplares da revista *Sinais dos Tempos*. É particularmente significativo para nós, adventistas, lembrar que nos dez últimos anos os colportores venderam mais de 100.000 exemplares do livro *O Grande Conflito!*

Todos estes factos e conjugação de meios realçam a pertinência das palavras de E. White escritas em 1915: «Deus colocou à disposição de Seu povo, no uso do prelo, vantagens que, combinadas com outros factores, alcançarão êxito na propagação do conhecimento da verdade. Folhetos, revistas e livros, conforme exigir o caso, deverão ser distribuídos e circular em todas as cidades e vilas do país.» — *Evangelismo*, p. 161.

Não é nossa intenção vangloriar-nos ou descansar sobre o que foi feito no passado. Ao pensar nas dezenas de cidades, centenas de vilas, milhares de localidades e milhões de pessoas, em Portugal, que ainda não conhecem o Plano da Salvação e a mensagem da breve volta de Jesus, devemos despertar e disponibilizarmos mais para ser utilizados pelo Espírito Santo. É isto mesmo que Deus quer e precisa. Ele só deseja que os cerca de 8.000 adventistas em Portugal (*) aceitem o desafio, «ser-me-eis testemunhas, tanto em Jerusalém como em toda a Judeia e Samaria, e até aos confins da terra» (Act. 1:8). Isto quer dizer, tanto na tua casa, no teu trabalho ou fora dele, Cristo só pede que tu e eu testemunhemos, isto é, que digamos o que Ele é para nós, o que Ele fez e está a fazer na nossa vida. Não precisamos de nos preocupar como testemunhar, porque somos assegurados: «Mas recebereis o Espírito Santo, que há-de vir sobre vós» (Act. 1:8).

Como crentes adventistas, portanto, precisamos de ter presente, não somente a tarefa que Deus nos confiou, mas também os meios e a influência que Ele tem proporcionado ao longo dos anos e que estão em plena acção no presente. É importante despertarmos para esta realidade; vivemos um

tempo especial de colheita, porque os planos mais sábios desta terra têm falhado e há um vazio no coração humano; a igreja dispõe de material para testemunhar e o Espírito de Deus está em acção.

É isto que está a acontecer na experiência de muitos crentes. Fico maravilhado e agradeço a Deus pelos exemplos encorajadores de testemunhos que nos chegam. Cito alguns casos para nossa inspiração.

— Recentemente, quando viajava, fui convidado uma sexta-feira à noite para jantar em casa de uma família amiga desde a minha infância. Quando entrei juntei-me silenciosamente ao grupo formado por alguns familiares e por uma vizinha; todos estavam presos ao televisor escutando uma das mensagens do pastor Bullón. Fui informado que é um acto que se repete todas as sextas-feiras à noite. Que boa maneira de começar o sábado!

— Um irmão escreve que adquiriu quinze cassetes para emprestar aos amigos.

— Uma irmã de 83 anos decide tomar lições de inglês usando como livro de texto o livro original de E. White, *Testemunhos para a Igreja*. A professora já frequenta a igreja e faz planos para se baptizar brevemente.

— Várias irmãs e irmãos convidam amigas e vizinhos semanalmente para um lanche, que é precedido de um estudo bíblico com o pastor.

— Temos também conhecimento da ideia de jovens que decidiram preparar um programa de informática com estudos bíblicos para divulgar gratuitamente entre os amantes da computação.

A maneira maravilhosa como o movimento adventista começou, se desenvolveu e se implantou em Portugal é mais uma prova da sua origem divina. O seu progresso não foi devido aos homens, mas é obra de Deus. Perante o desafio que se apresentam hoje de fazer chegar esta mensagem aos milhões de nossos concidadãos que ainda não a conhecem; perante o conseqüente desafio de alugar ou construir igrejas nas cidades, vilas e inúmeras localidades do nosso país para uma implantação física mais abarçante e cada vez mais digna, precisamos da mesma fé, intrepidez e consagração das nossas vidas e meios como fizeram os nossos pioneiros e antepassados.

Como nota conclusiva desta reflexão, encontro muito oportuno o seguinte pensamento de um historiador adventista, que afirma: «A palavra final desta narrativa só pode ser de esperança. Desde o começo da nossa denominação tem havido crescimento em todas as áreas — crescimento no conceito sobre o trabalho nas suas mais amplas possibilidades e crescimento no número daqueles para quem a obra é mais preciosa do que a própria vida» — M. Ellsworth Olsen, *A History of the Origin and Progress of the Seventh-Day Adventists*, p. 744. De outra maneira não podia ser, porque o poder triunfante da mensagem do advento está na própria mensagem, pois ela é a palavra viva de Deus para o nosso tempo.

J. Dias

Presidente da União Portuguesa

Envio de Alimentos para Angola

Queremos agradecer a resposta pronta e generosa da Igreja em favor de Angola.

Podemos informar que até ao presente a oferta atingiu um montante de Esc. 4.942.839\$00 e que no envio do contentor enviado em Dezembro de 1993 se gastaram Esc. 2.954.137\$00 (2.437.256\$00 no conteúdo e 516.881\$00 no transporte).

Informamos também que o contentor com géneros de primeira necessidade chegou a Luanda em 10 de Janeiro, entrou fechado no Depósito da ADRA e dali foi feita a distribuição directa aos necessitados.

Com o remanescente da oferta e outras que esperamos receber ainda, estamos a preparar o envio de um segundo contentor.

Certos de que esta é uma maneira prática de demonstrar o nosso amor aos nossos irmãos de Angola, agradecemos o que cada um já fez e o que se fará ainda.

(*) Embora haja membros desconhecidos e/ou inactivos, somos em número muito superior aptos para testemunhar, considerando as crianças e os jovens não baptizados, visitas e familiares de adventistas, que frequentam a igreja ou assistem às classes baptismais.

Renovação e Reconsagração



Robert S. Folklenberg

Senhor, ouvi acerca da tua fama; fiquei em temor no meio das tuas ras. Ó Senhor, renova-as nos nossos dias, no nosso tempo torna-as conhecidas» (Hab. 3:2, versão New International).

Que sonhos temos para nós para este ano de 1994? Que sonhos temos tanto ao que gostaríamos de ser para Senhor? Para a Igreja? Para o mundo? Há algo dentro de nós que responde à vinda de um novo ano. Instintivamente (ou será por impulso divino?) desejamos fazer as coisas melhor, queremos modificar o que nos rodeia, alterar o *status quo*. Queremos ser melhores!

Este sentimento deveria guiar-nos de modo particular durante todo o ano de 1994! Sendo o ano do 150.º aniversário da nossa Igreja, deveria constituir um tempo para profunda reflexão por parte de todos nós. Deveria ser um momento de *renovação e reconsagração*.

Nascer de novo

Renascimento. A palavra sugere mudança. Ruptura com o que é velho. Novidade. Frescura. Vitalidade. Recomeço. Abandono do que já está gasto, deteriorado. Primavera. Transformação. É uma experiência de que todos necessitam desesperadamente, um estado ao qual o Senhor deseja ansiosamente conduzir-nos. Quando David pediu a Deus: «Renova em mim um espírito recto», ele estava fazendo um pedido que o Senhor se deleita em responder. Assim como as misericórdias de Deus «novas são cada manhã» (Lament. 3:23), também Ele deseja que sejamos pessoas cujo «interior» «se renova de dia em dia» (II Cor. 4:16). O apóstolo apela à igreja de Roma para que não sejam conformados segundo os padrões de vida da sua época ruim, mas que sejam «transformados pela *renovação*» do seu entendimento (Rom. 12:2). E aconselha aos Efésios: «Quanto ao trato passado, [que] vos despojeis do velho ho-

mem, que se corrompe pelas concupiscências do engano e vos *renoveis* no espírito do vosso sentido» (Efés. 4:22).

Tudo o que é vivo na natureza passa por renovação e a ausência desta é geralmente sinal de morte.

Mas como acontece a renovação? Poderemos nós operá-la pelas nossas próprias forças, pelo poder da nossa vontade, pela nossa determinação? A resposta, claro está, é não. As palavras de Ellen White que descrevem a nossa impotência face ao pecado aplicam-se igualmente à nossa incapacidade de operar renovação pela nossa própria vontade:

«A educação, cultura, o exercício da vontade, os esforços humanos, tudo tem a sua legítima esfera de acção, mas neste caso são impotentes. Poderão levar a um procedimento correcto, mas não podem mudar o coração; são incapazes de purificar os mananciais da vida. Para conduzir os homens do estado de pecado ao de santidade é preciso um poder que opere interiormente, uma nova vida que proceda do alto. Esse poder é Cristo.»¹

Como podemos «fazer contacto» com este Poder? De acordo com as palavras de um antigo profeta, «os que esperam no Senhor *renovarão* as suas forças» (Isa. 40:31).

Reconsagração

Esta espécie de renovação conduz à reconsagração. Reconsagração a Cristo. Ao Evangelho. À Igreja. Às nossas famílias. Uns aos outros. À integridade. Ao mundo e à salvação.

Estamos nós preparados para fazer esta espécie de compromisso, de reconsagração a Cristo e à Sua missão? No seu livro, *The Christian Persuader*, Leighton Ford relata-nos a reacção de um prisioneiro para com um ministro que procurava inculcar-lhe fé em Cristo:

«Acredita realmente naquilo que diz?» perguntou o preso. «Se eu acreditasse que o seu Evangelho era ver-

dade, eu arrastar-me-ia sobre vidro partido através de toda a Inglaterra para falar disso aos homens.»²

Meus irmãos e irmãs: Possuímos nós esta espécie de entrega, de consagração, ao Evangelho? Diante de nós está uma tarefa gigantesca e nós somos um pequeno povo — numa proporção de 1000 para 1. Mas que poderia acontecer se todos chegássemos a uma experiência de total entrega ao Senhor e à Sua missão? Que poderia acontecer se todos nós, como um só, nos dedicássemos a buscar a graça e o poder necessários para terminar a obra que nos foi comissionada? Ellen White dá-nos uma pista: «Se os cristãos agissem concretamente, avançando como um só, sob a direcção de um Poder, para a realização de um propósito, eles moveriam o mundo.»³

Com o passar do tempo, o desânimo e a desilusão podem apoderar-se de uma pessoa. Com a obra de Deus numa virtual paragem e o Seu povo enfrentando o espectro de um paralizante mal-estar, Habacuque pronunciou aquela animadora oração por renovação, citada no princípio deste artigo: «Senhor, ouvi acerca da tua fama; fiquei em temor no meio das tuas obras. Ó Senhor, renova-as nos nossos dias.»

Ao escrever-vos no princípio deste histórico ano, a minha oração para a igreja é: «Ó Deus, reaviva-nos. Traz renovação ao Teu povo. Ajuda-nos a reconsagrarmos-nos sem reservas a Jesus Cristo e à Sua missão. Amen.»

1. *Aos pés de Cristo*, Lisboa, Publicadora Atlântico, s/ data, pp. 15 e 16.
2. Citado in Leighton Ford, *The Cristian Persuader*, Nova Iorque, Harper and Row, 1966, p. 29.
3. *Testimonies*, vol. 9, p. 221.

Robert S. Folklenberg é o presidente da Conferência Geral dos A.S.D.

COREIA DO NORTE:

O maior país em que a mensagem do Advento ainda não penetrou

Faltará muito tempo para que as portas se abram?

Por Charles R. Taylor

«Este evangelho do Reino será pregado em todo o mundo, em testemunho a todas as gentes, e então virá o fim» (Mat. 24:14).

Durante muitos anos os Adventistas viram o cumprimento desta passagem bíblica em termos de países onde a Igreja estava estabelecida e citavam as palavras do Senhor a Josué, «Já estás velho, entrado em dias, e ainda muitíssima terra ficou para possuir» (Jos. 13:2), para observar que faltava penetrar em muitos países. Se hoje, a exemplo do capítulo 13 de Josué, fizéssemos uma lista dos países onde a Igreja não está implantada, a Coreia do Norte, na Divisão do Extremo Oriente, estaria certamente à frente de todos, com uma população de 22 milhões de pessoas.

É certo que Deus pode concretizar os Seus planos sem o planeamento e esforço humano, mas Ele escolheu envolver-nos nesta obra, para nosso próprio bem. O Seu propósito é que «tudo se faça decentemente

e com ordem» (I Cor. 14:40). E esta indicação aplica-se ao nosso projecto evangelístico, em que tudo deve ser feito sistematicamente e com boa organização.

O Desafio de Missão Global

A nível global, a Coreia do Norte é o maior país do mundo em que a obra adventista não penetrou. A nível da Divisão do Extremo Oriente, é, juntamente com o Vietnã, um grande desafio evangelístico. Ambos são países socialistas com os quais os Estados Unidos estiveram em guerra como aliados de facções contrárias dentro do próprio país. Ainda hoje, missionários americanos, na sua função tradicional, não são bem-vindos. Mas muitas famílias há cujos filhos, hoje homens e mulheres, ainda recordam esses países com que contactaram nos anos 50 e 60, o que os faz ter um interesse especial pelo que ali acontece.

A União Coreana está extremamente empenhada na

penetração evangelística da Coreia do Norte, no que é apoiada pela Divisão. Aliás, o presidente desta é desde 1992 um coreano. O plano é estabelecer uma clínica dentária na capital, mas está-se à espera da permissão oficial, que ainda não nos chegou.

Um empresário adventista filipino, que tem negócios regulares com a Coreia do Norte, propõe-se ser embaixador de Cristo enquanto realiza o seu trabalho. Num visita particular que um membro de igreja fez àquele país, conseguiu encontrar sua mãe que continua a ser uma fiel crente adventista. Entre duas fronteiras continua o projecto de Vale do Éden entre os chineses de língua coreana de Yanji, patrocinado por um empresário coreano da América do Norte. Em Primorye, perto de Vladivostok, no extremo oriental da Rússia, há adventistas que falam coreano. Outros adventistas coreanos, que vivem em ambiente socialista, estão em igrejas no Uzbequistão, tendo sido forçados a estabe-

lecerem-se ali por ordem de Estaline.

Geografia e História

Tanto a Coreia do Norte como o Vietnã podem ser comparados, na sua forma, com um barbo (peixe), tendo um centro estreito e extremidades que se alongam. Ambos possuem extensas costas marítimas e vastas cordilheiras de montanhas no interior. A Coreia do Norte estende-se do paralelo 38 ao 43, de latitude norte.

A Coreia, antigamente chamada Chosen, tem um registo histórico que data do tempo de Cristo, quando os seus povos se organizaram em três reinos. Estes são de raça mongólica.

Cerca de 50 anos antes da invenção da imprensa na Europa, já os coreanos usavam tipos móveis para pintar os caracteres (letras) chineses, e por volta de meados do século XV desenvolveram um alfabeto fonético indígena. Este usa 10 vogais e 14 consoantes, mas também usa ideógrafos chineses.

A Coreia esteve durante muito tempo sob influência cultural chinesa, mas entre 1910 e 1945 fez parte do Império Japonês. O Dr. H. N. Allen, pastor presbiteriano na China, foi para a Coreia como médico da corte real e embaixadas e assim tornou-se o primeiro missionário residente na Coreia. A primeira tradução do Novo Testamento, para coreano, fora feita 20 anos antes da sua chegada e quando outros missionários o seguiram, encontraram comunidades inteiras professando o cristianismo embora nunca tivessem ti-

do qualquer contacto com um missionário.

Em Agosto de 1945, após a derrota do Japão, no fim da Segunda Guerra, os Estados Unidos e a União Soviética concordaram em dividir a Coreia no paralelo 38 em duas zonas de ocupação. Essa linha foi ligeiramente ajustada como resultado da guerra da Coreia, no princípio dos anos 50. A Coreia do Sul levantou o embargo ao comércio com a Coreia do Norte em 1985 e em 1989 um conglomerado sul-coreano começou a desenvolver uma área de turismo na costa nordeste da Coreia do Norte. Quase no fim de 1991, com o apoio das grandes potências, as duas Coreias entraram para as Nações Unidas. A aceitação formal de duas Coreias afectou a lista de países não penetrados com a mensagem adventista, acrescentando mais um.

História Adventista

No princípio do século muitos coreanos emigraram para a Sibéria, Manchúria e México. Um destes emigrantes encontrava-se em Kobe, no Japão, à espera de embarcar para o Hawai quando reparou num letreiro que dizia: «Igreja da Segunda Vinda de Jesus e do Sábado do sétimo dia». Ele conseguiu ler o letreiro porque os ideógrafos são os mesmos em coreano, chinês e japonês. Ele era cristão e sentiu-se atraído para esta nova igreja. Foi ter com o evangelista que ali se encontrava, que se chamava Hide Kuniya, e os dois comunicaram entre si escrevendo os textos da Bíblia em caracteres chineses. No dia seguinte o coreano You Un Hyun trouxe o seu amigo Son Heung Cho e os dois ficaram convencidos da ver-

dade bíblica dos ensinamentos adventistas do sétimo dia e pediram para ser baptizados ainda antes do barco em que iam viajar partir. Já passava da meia-noite quando os dois conversos, escoltados por um grupo de crentes japoneses, subiram à piscina natural sob as quedas de água de Nunobiki para serem baptizados. Tornaram-se assim os primeiros adventistas do sétimo dia coreanos.

Durante a Segunda Guerra, cerca de 40 membros de igreja foram presos e torturados pela sua fé e quatro morreram sob a tortura ou logo a seguir a esta. Muitos obreiros e membros fugiram para as montanhas e sobreviveram cortando madeira e vendendo carvão de lenha. Em Outubro de 1945, os crentes adventistas viajaram de todas as partes do país e reuniram-se num congresso de oito dias em Seul.

Durante a Guerra da Coreia, houve cerca de 50 membros nossos que perderam a vida e durante o inverno de 1950 muitos emigraram do norte para o sul, os bens e edifícios da Igreja foram destruídos e muitos obreiros expatriados foram obrigados a ir para o Japão. James Lee e George Munson realizaram uma campanha de evangelização para os coreanos que viviam em Osaka. A primeira cerimónia baptismal entre estes coreanos, para quem se construiu uma igreja, teve lugar no sopé das Cataratas de Nunobiki, exactamente no mesmo local em que os primeiros crentes coreanos se tinham baptizado em 1904.

Ralph S. Watts, Clinton W. Lee e C. H. David são alguns dos obreiros que depois da Guerra ajudaram na

transição da liderança da obra para obreiros naturais da Coreia e no desenvolvimento do florescente trabalho que hoje podemos ver na Coreia do Sul. Logo a seguir às Filipinas, este é o país da Divisão do Extremo Oriente com mais membros. Possui uma igreja na Universidade de Sam Yuk com capacidade para mais de 3000 pessoas sentadas. Além do já mencionado, não podemos esquecer que existe uma forte presença coreana na Divisão Norte-americana, que inclui 72 igrejas com 8.034 membros e 59 obreiros denominacionais a tempo completo, além de 10 a tempo parcial e 14 pastores que se ocupam só dos jovens.

Para tentar reatar o contacto com a Coreia do Norte, a Divisão organizou uma visita oficial de um dirigente adventista de outro país socialista onde a Igreja é oficialmente reconhecida, mas até agora os resultados não foram os que esperávamos. Precisamos de orar para que as condições mudem, a fim de que os mais de 110.000 membros e 500 igrejas da Coreia do Sul possam comunicar livremente com os 22 milhões de filhos de Deus que vivem na Coreia do Norte.

Oração e Disponibilidade

Quando confrontados com a perplexidade de qualquer situação na sua vida, os cristãos sabem a quem recorrer. A oração move o braço do Todo-Poderoso. Precisamos, pois, de orar. A demora em receber uma resposta positiva é muitas vezes a maneira de Deus intensificar naquele que pede o desejo de agir, de tal modo que transforma a sua vida como parte da resposta

ou condição essencial para obtê-la. Marchar sete dias à volta das muralhas de Jericó teve, para aqueles que estavam dentro dos seus muros, um grande impacto, fazendo-lhes antever que algo de importante ia acontecer.

Na Sua resposta, Deus usa instrumentos humanos que se encontram nos mais inesperados lugares. Só requer que estes estejam disponíveis, prontos a ser usados por Ele.

Durante várias décadas, o nosso *Relatório Estatístico* e até o *Yearbook* [Anuário] registavam o número de adventistas na China como sendo de 20.000, perpetuando os algarismos que existiam quando a comunicação foi cortada devido a uma mudança de governo. Quando as circunstâncias começaram a mudar, que alegria foi receber de novo relatórios! Então viu-se que onde se pensava que quase tudo estaria perdido podia haver 120.000 membros de igreja, ou mesmo mais! Quem sabe se os números que temos da Coreia do Norte — 26 igrejas e 866 membros de igreja — os mesmos que usávamos antes de ter perdido o contacto, não nos reservarão uma surpresa! Embora só recentemente tenhamos sabido da existência de um crente, através de contacto com um membro da família, quem sabe se existem lá outros? Elias pensava que estava sozinho, mas Deus sabia que havia mais 7.000 que não tinham dobrado os joelhos diante de Baal.

Charles R. Taylor tem a seu cargo as pesquisas e estatísticas do Gabinete de Missão Global da Conferência Geral.

«Guarda, que houve de noite?»

Sempre me impressionou este passo do livro do profeta Isaías, o mais longo dos livros proféticos e, sem dúvida, o mais poderoso quanto ao estilo, o mais rico quanto ao conteúdo e, porque não, também o mais «Evangélico» do Antigo Testamento. Nele vemos tantas vezes repetida a certeza de que Deus é o Soberano Senhor da História, diante de Quem os ídolos não passam de vaidade e as nações são consideradas simples átomos de poeira.

No caso vertente, o grande juízo vai abater-se sobre Israel; as nações pagãs são as executoras desse juízo, mas, por sua vez, elas serão castigadas e destruídas. Quanto a Israel, apenas um «remanescente será salvo» (Isaías 1:9; Rom. 9:27).

Um sopro de esperança messiânica percorre o livro de Isaías de um ponto ao outro.

A figura «do Servo do Eterno, do Redentor de Israel», chave de toda a História, desenha-se progressivamente no horizonte. Citemos o texto integralmente: «Quem há entre vós que tema a Jeová, e ouça a voz do Seu Servo? Quando andar em trevas, e não tiver luz nenhuma, confie no nome do Senhor, e firme-se sobre o seu Deus!» (Isaías 50:10).

Aqui volvemo-nos novamente ao texto inicial (Isaías 21:11, 12) que dá o título ao nosso tema: «Guarda, que houve de noite?» É pertinente e elucidativo cotejar o texto noutras versões. Na versão da Imprensa Bíblica Brasileira, 1974, lemos: «Oráculo acerca de Dumá: Alguém clama a mim de Seir: Guarda, que horas são da noite? Guarda, que horas são da noite?» (Note-se a insistência da pergunta.)

Na versão francesa de Louis Segond: «A sentinela responde: a manhã vem e a noite também. Se quereis interrogar, interrogai; convertei-vos e vinde» (vers. 12).

No livro *O Grande Conflito*, página 507, lemos: «Com ardente anseio, o povo de Deus aguarda os sinais do seu Rei vindouro. Ao serem consultadas as sentinelas: «Guarda, que houve de noite?», é dada sem vacilação a resposta: «Vem a manhã e também a noite». Brilha a luz nas trevas sob o cume das montanhas. Revelar-se-á em breve a Sua glória. O Sol da Justiça está prestes a raiar. A manhã e a noite estão ambas às portas — o iniciar de um dia intermínio para os justos, e o baixar de eterna noite para os ímpios.»

Nesta noite avançada da História, o Divino Senhor convida-nos a consultar outra sentinela mais próxima, João, o discípulo amado, que, com ternura, nos informa: «Filhinhos, é já a última hora, e como ouvistes que vem o anticristo, também agora conhecemos que é já a última hora» (I João 2:18).

Direis talvez: Mas João escreveu isso há perto de dois mil anos. Como saberemos que podemos colocar essas previsões nessa «última hora» a que o tempo se refere?

Deixemos que a Escritura Sagrada se interprete a si mesma. Outro apóstolo, S. Pedro, no mesmo tom e com igual certeza, fala-nos de acontecimentos semelhantes e do tempo da sua realização, quando adverte: «Mas amados, não ignoreis uma coisa, que um dia para o Senhor é como mil anos, e mil anos como um dia: O Senhor não retarda a sua promessa ainda que alguns a têm por tardia... O dia do Senhor virá como um ladrão de noite» (II Ped. 3:8, 9).

Pelo que agora se vê, se ouve e se sente, o mundo debate-se, por assim dizer, no estertor de uma morte lenta. É a crise dos séculos, como alguém afirmou. «Tudo se precipita. (...) O nosso mundo é semelhante a

um comboio lançado a todo o vapor. A humanidade afigura-se-nos apressada, a concentrar as suas forças, em vista de qualquer misterioso dia que ela não descobre, mas que pressente.» (P. Valloton, citado por A. Vaucher, em *Histoire du Salut*, 1930, pp. 361, 362.)

Na humanidade, como na natureza, existem crises decisivas e fatídicas; esta é uma delas, e quem poderá responder para onde ela nos levará? Só Deus conhece o futuro e, aos Seus profetas, informa a tal respeito: «Certamente o Senhor Jeová não fará coisas alguma, sem ter revelado o seu segredo aos seus servos os profetas» (Amós 3:7).

Por alguma razão o próprio Criador declarou: «Eis que o Senhor esvazia a terra e a desola, e transtorna a sua superfície, e dispersa os seus moradores» (Is. 24:1). Revelada esta sentença ao profeta Isaías há cerca de 2.700 anos, quem poderá negar tratar-se aqui de uma profecia escatológica? Poderão os homens jejuar em questões teológicas, mas vejamos simplesmente esta declaração: «Fome e desertificação: uma dualidade mortífera crescente». (*O Jornal Ilustrado*, 5-12 de Junho de 1987.) E continuando a ouvir o profeta, logo vem a razão: «Porque o Senhor pronunciou esta palavra: a Terra pranteia e se murcha; o mundo enfraquece e se murcha; enfraquecem os mais altos do povo da Terra. Na verdade a Terra está contaminada por causa dos seus moradores; porquanto transgridem as leis, mudam os estatutos e quebram a aliança eterna. Por isso a maldição consome a Terra e os que habitam nela serão desolados» (Is. 24:3-6).

Entrámos no campo da ecologia: são os efeitos perversos de poluição no mundo físico e demográfico, e a

Pedro Brito Ribeiro

poluição moral da sociedade. Qualquer enciclopédia define «meio ambiente» por «o que envolve os corpos por todos os lados».

Deus sempre falou ao homem por meio de sinais. O mundo e os seus habitantes são os protagonistas. Vejamos como alguns interpretam esses sinais. Do livro *O Homem ou a Natureza?*, de Edouard Bonnefous, citamos: «Talvez façamos parte da última geração de seres humanos sobre a Terra! Porque, continuando a proceder como até hoje, o Homem terá em breve destruído o mundo e a sua espécie, transformando o Universo num deserto total.» (p. 19). É este o grito de alarme que o autor citado nos lança no decorrer das 550 páginas do seu livro. E diz ainda, citando ele próprio Maurix Genevoix que escrevia recentemente: «Serão muito poucos anos para deixar passar sobre as nossas cabeças essa nuvem do Apocalipse...» (*Ibid.*)

E, como o Apocalipse lhes serve de referência para confirmar estes «gritos de alarme», lembremo-lo nós, povo da profecia e, desde logo, com mais conhecimento de causa: (...) iraram-se as nações e veio a tua ira e o tempo de julgares (...) e o tempo de destruíres os que destroem a terra» (Apoc. 11:18). E como se de um «Seminário» sobre o Apocalipse se tratasse, como hoje ocorre entre nós, povo da profecia, também homens de ciência em número de 500 se reuniram na cidade de Estocolmo, Suécia, para abordarem o tema do que chamaram «A Conferência do Terror, Estocolmo 72».

Do livro com esses mesmo título, destacamos algumas palavras do seu prefácio:

«Futurólogos de hoje e profetas de todos os tempos têm anunciado o Apocalipse para uma época que nos começa a ficar próxima e que alguns dizem mesmo já estar ultrapassada. Marcaram-se datas: o clássico 1984 já teria começado há muitos anos, e o mítico ano 2000 seria apenas uma lembrança na memória dos Anjos, porque de homens, então, nem vivalma...!» E acrescenta: «Sobre o Apocalipse nenhuma dúvida. Já o vivemos, já o temos dentro de casa (no prato) na cidade, no mundo. Só os surdos e cegos não notam os sinais

de um fim próximo (sublinhado nosso) todos os dias, aliás, noticiado pelos jornais (...) Resta saber o que pode sobrar da catástrofe: se muito, se pouco, se nada.»

«Haverá futuro?» eis a pergunta constante da obra citada. Não muitos anos depois da chamada «Conferência do Terror» ter tido lugar, mais precisamente em Maio de 1988, um grito de alarme nos vinha dos países do Mar do Norte, através dos meios de comunicação, fazendo saber que «algas marinhas envenenadas, multiplicando-se à escala de milhões de 20 em 20 horas, contaminando as águas e absorvendo todo o seu oxigénio, provocavam a morte de toda a vida ali existente.»

«Guarda que houve de noite?»

É este, hoje, o grito pungente de quem se interroga se haverá um amanhã.

Temos em nossa mão uma notícia publicada no Semanário *Expresso*, com data de 30 de Outubro de 1993, cujo título é: «Los angeles em chamas». O autor da notícia, Tony Jenkins, correspondente do referido semanário em Nova Iorque, começa por informar: «Linda Lenney, presidente da Câmara de Laguna Beach, uma cidade *chic* (itálico nosso) na zona sul de Los Angeles, parou por momentos para limpar as lágrimas. *Talvez Deus nos esteja a castigar*, disse a um pequeno número de repórteres, reunidos na sala de estar. Ao mesmo tempo, metia rapidamente os seus bens mais valiosos numa mala, obedecendo às ordens de evacuação da zona, tal como sucedia com os restantes 24 mil residentes da cidade. Entretanto, um violento incêndio atirado pelo vento quente do deserto e com rajadas de 120 km/h avançava pela montanha abaixo em direcção ao mar, consumindo tudo o que encontrava pelo caminho. A casa de Linda Lenney fora poupada, mas 330 vizinhos seus não tiveram a mesma sorte — ali estavam a contemplar aquela paisagem apocalíptica!»

«Vem a Manhã e também a noite»

«É chegado o tempo em que haverá no mundo tristeza que nenhum bálsamo humano pode curar. O Espírito de Deus está sendo retirado. Catás-

trofes por mar e por terra seguem-se umas às outras em rápida sucessão.

«Quão frequentemente ouvimos de terramotos e furacões, de destruição pelo fogo e inundações, com grandes perdas de vidas e propriedades!

«Aparentemente essas calamidades são caprichosos desencadeamentos de forças da natureza desorganizadas e desgovernadas, inteiramente fora do controlo do homem; mas em todas elas pode ler-se o propósito de Deus. Elas estão entre os instrumentos pelos quais Ele busca despertar a homens e mulheres para que sintam o perigo... As condições prevaletentes hoje na sociedade, e especialmente nas grandes cidades das nações, proclamam com voz de trovão que a hora do juízo de Deus está próxima e que o fim de todas as coisas terrestres é chegado (...) Nós não devemos ser surpreendidos neste tempo por eventos a um tempo grandes e decisivos; pois o anjo da misericórdia não pode ficar muito tempo mais a proteger o impenitente. A mensagem de Deus para os habitantes da Terra, hoje é: 'Estai vós apercebidos também, porque o Filho do homem há-de vir à hora em que não penseis' (Mat. 24:44).» (E. G. White, *Profetas e Reis*, pp. 277, 278.)

«A volta de Cristo é o drama humano por excelência, o Centro da história humana...

«O coração fica aterrado diante do poder assustador do mal. A expectativa calma e paciente da segunda aparição de Cristo é o único bálsamo para as feridas do nosso coração. Uma aurora depois da noite, assim será o regresso visível de Cristo.» (P. Valloton, *obra citada*)

A aceitação ou recusa da grande notícia, «O Senhor vem sem demora», decidirá a nossa sorte. Decidirá tudo. Aceitar ou negar a nossa fé na «Bem-aventurada Esperança na volta do Senhor» tal é a chave que abre o mistério contido nas palavras do capítulo 3, versículo 8, de Apocalipse: «Eu sei as tuas obras; eis que diante de ti pus uma porta aberta, e ninguém a pode fechar; tendo pouca força, guardaste a minha Palavra, e não negaste o meu nome!»

Aposentado mas activo, o pastor Pedro Brito Ribeiro, escreve de Loures, onde reside.

Estônia: a igreja que as bombas não puderam destruir

Revisitando a igreja na Estônia, após 50 anos de ocupação comunista.

A II Guerra Mundial alastrava sem misericórdia através da Europa. Em 1944, a destruição havia assolado o Norte da Europa, incluindo os países bálticos. Um jovem ministro adventista encontrava-se no cais da estação dos caminhos de ferro e, com o coração partido, ouviu uma sirene de incursão aérea começar o seu sinistro som agudo. Virou-se e deixou a estação, sabendo que o comboio não partiria e que os seus planos de visitar os membros da Igreja através da Estônia teriam que ser novamente adiados.

O ruído dos aviões de bombardeio aproximou-se. Logo, ele o sabia, deixariam cair a sua carga mortífera sobre a sua cidade — a sitiada Tallinn, na Estônia, e trariam mais destruição aos seus cidadãos. Com dificuldade, achou caminho através das ruas, entrando rapidamente nas ombreiras das portas para abrigar-se, quando as bombas caíam perigosamente perto. Milagrosamente ele alcançou a sua igreja e dirigiu-se rapidamente para a cave. Alguns membros da igreja já lá estavam procurando refúgio. Juntos, eles ouviram os sons devastadores soando

ao seu redor, enquanto se mantinham em fervoroso culto de oração. Às vezes alguns arriscavam-se a sair para apagar o fogo no telhado, causado por bombas incendiárias.

Depois do que pareceu um tempo interminável, um silêncio inquietante sobreveio à cidade. As bombas haviam destruído um terço da cidade e deixaram um tremendo sofrimento humano em seu rasto. Ainda assim, a igreja adventista foi poupada.

Continuando o caos

O jovem ministro analisou então as suas chances de sobrevivência no que esperava ser um contínuo tempo caótico. Fiel à denominação Adventista do Sétimo Dia (ele servia como presidente na Estônia) e aos membros de sua Igreja, sabia que provavelmente não seria capaz de pastoreá-los por muito tempo. A KGB já o havia molestado e interrogado quando o regime comunista substituiu a democracia na Estônia, no início da guerra. Ele tinha sido milagrosamente poupado naquele tempo, e continuaria o seu trabalho durante a ocupação nazi.

Mas agora a batalha en-



Nem a guerra nem a ocupação soviética puderam destruir o templo adventista de Tallinn.

tre as forças russas e germânicas estava-se aproximando de Tallinn, com uma rapidez alarmante. Noticiários clandestinos prediziam uma rápida tomada pelo exército comunista. Que chances teria ele, ponderou o ministro, de servir a sua Igreja sob o regime comunista? Até então ele não tinha considerado nunca a possibilidade de deixar o seu país, mas a escolha difícil e dolorosa exigia uma resposta.

Ele e sua família decidi-

ram deixar a Estônia, fugindo um pouco antes de o exército comunista chegar. Porém, durante as décadas seguintes, ele nunca esqueceu a pequena igreja branca no centro de Tallinn, embora o trabalho de Deus o ocupasse em várias partes do mundo. Ansiosamente, esperava pelas escassas notícias da igreja e seus membros, nunca cessando de orar por eles. Estava fora de cogitação retornar à Estônia. Ele e sua família eram

Lilya Wagner

considerados «desertores» pelo governo soviético, e não seriam tratados adequadamente.

Esse jovem ministro era o meu pai, Richard Vinglas. E eu era uma das crianças pequenas que fugiram com os seus pais. Nos anos subsequentes, ele recordava aquele tempo caótico e ameaçador: «Creio que o Senhor ainda tinha algum trabalho para eu fazer; por isso Ele me poupou de forma milagrosa.»

Mas as mudanças vieram. No final dos anos 80, notícias do Movimento de Libertação da Estónia alcançaram o mundo livre. Os estonianos realizaram demonstrações maciças no parque ao pé da colina do velho castelo, onde a KGB havia interrogado meu pai. No anfiteatro, ao ar livre, que normalmente comportava 200 mil pessoas durante os festivais nacionais de música, 300 mil pessoas ocuparam o relvado. O exército soviético permaneceu por perto, não ousando dispersar a multidão com armas de fogo, como teria feito anteriormente.

Quando os tanques soviéticos se afastaram ruidosamente em direcção ao edifício que alojava o Parlamento, os partidários da liberdade, com desembaraço, bloquearam as ruas com grandes pedras arredondadas. As pessoas encheram as igrejas, algumas havia muito sem uso, e oraram pela liberdade.

A liberdade veio, repentina e alegremente, a 24 de Agosto de 1991. Uma vez mais a bandeira nacional tremulou sobre o antigo forte dinamarquês, na velha Tallinn, e o hino nacional souou através da cidade.

Revisitando a Estónia

Pessoas sábias no mundo dos negócios e da política tinham-me advertido a não

voltar à Estónia. A minha segurança estaria em jogo, e eu estaria pondo em perigo muitos dos meus parentes naquele país. Agora, porém, aquelas admoestações deixaram de existir. Eu ansiava por ver a terra onde havia nascido, para descobrir as minhas raízes, e para saber o que havia acontecido àquela pequena igreja, no centro de Tallinn.

O sonho tornou-se realidade. Somente um dia antes do primeiro aniversário da liberdade, pisei solo estoniano — a primeira vez desde que tinha 3 anos de idade. Comecei a fazer investigações. Por coincidência, justamente ao virar da esquina do hotel onde estava hospedada, encontrava-se aquela pequena igreja adventista branca, intacta e em plena actividade.

Durante a ocupação soviética, foi permitido que a igreja permanecesse aberta, mas nenhuma educação adventista ou evangelismo poderia ser realizado. O número de membros diminuiu, em parte porque as pessoas perderiam os seus empregos se frequentassem a igreja. Nenhuma actividade relacionada com a igreja poderia ocorrer fora do prédio da igreja.

Mesmo assim, a igreja não morreu. Durante os 50 anos de ocupação, um fiel núcleo de membros manteve os cultos cada sábado, e um programa musical de alto nível preenchia as necessidades espirituais e artísticas dos membros. Ouvi gravações de programas que se equiparavam a alguns dos melhores corais dos Estados Unidos. Com a liberdade, surgiu um interesse renovado pela religião, incluindo a Igreja Adventista do Sétimo Dia. Hoje, o número de membros está rapidamente alcançando aquele

anterior à guerra, de aproximadamente 2.000 na Associação Estoniana, e 15 igrejas estão espalhadas pelo país. Só no ano passado, cerca de 100 pessoas foram baptizadas na Igreja Adventista.

A Igreja Adventista de Tallinn possui um activo programa da Escola Sabatina para crianças e adultos, e às segundas-feiras à noite, há actividades para cerca de 130 crianças da comunidade. Os membros, de todas as idades, ocupam todos os bancos do templo, enquanto o coro, de aproximadamente 40 componentes, canta com acompanhamento do velho órgão de tubos. Os cultos são realizados em estoniano, aos sábados de manhã, e os membros de língua russa encontram-se no mesmo local, aos sábados à tarde.

No prédio ao lado da igreja — anteriormente quartel-general dos oficiais do exército soviético, construído depois da guerra — um evangelista australiano realizou reuniões evangelísticas, em Setembro. Os membros traduziam as mensagens em estoniano e russo, e os líderes da igreja esperam um aumento significativo de membros.

As Bíblias são como tesouros, e muitas mais são necessárias. A minha Bíblia, a qual dei a um líder da igreja como presente, foi recebida com muita gratidão. Mais tarde, achei Bíblias estonianas à venda em outra igreja e compreias. Os Adventistas do Sétimo Dia puseram-nas rapidamente em uso.

Os livros de Ellen G. White são como um raro tesouro. Na casa de um ancião da igreja, vi um exemplar do *Patriarcas e Profetas* — uma cópia a papel químico, cuidadosamente

dactilografada e encadernada. Hinários e livros de música são possessões apreciadas também, e não existem em abundância. Para um culto vespertino, usam folhas de hinos dactilografadas.

Uma instrutora bíblica estava corrigindo lições bíblicas quando visitei a igreja pela primeira vez. Ela falou-me de muitas pessoas que têm mostrado interesse no estudo da Bíblia, desde que a liberdade voltou à Estónia; e muito do seu tempo é gasto a coordenar este empreendimento evangélico. Aproximadamente 5.000 pessoas estão recebendo estudos bíblicos actualmente.

No sábado, uma variedade de pessoas de todas as idades, homens e mulheres, cantou com fervor e ouviu o sermão do pastor. Mas de maior interesse para mim foram os membros de mais idade que se lembravam do meu pai. O seu genuíno cuidado cristão e forte fé impressionaram e comoveeram-me no momento em que eles rodearam o meu pai e a mim, tentando preencher uma lacuna de quase 50 anos.

Indubitavelmente, a Segunda Guerra Mundial e a ocupação comunista trouxeram o seu preço à população estoniana, incluindo os Adventistas do Sétimo Dia. Todos eles sofreram muito, mas a Igreja de Deus continua. A igreja que as bombas não puderam destruir — poupada da destruição pelo fogo e pela ideologia — vive hoje como um dos melhores exemplos do que significa o Movimento Adventista do Sétimo Dia.

Lilya Wagner é directora-adjunta do Centro de Assistência Social da Universidade de Indiana, Indianápolis, E.U.A.

Lei e Conhecimento do Pecado

Tentativa de uma nova Compreensão do Tema dentro de um Contexto Cristológico.

Introdução

Recordamos aquela atitude de Maria, relatada em S. Lucas, 10:38-43, que o próprio Cristo louvou.

Esta mulher não estava preocupada, como sua irmã, quanto ao que podia fazer para agradar a Jesus, mas sim quanto ao que podia obter de Jesus.

Ele era o centro de tudo para ela, e tudo o mais na sua vida dependia do que pudesse obter d'Ele. Mas deixemos por algum tempo a atitude de Maria e procuraremos responder às seguintes questões que a atitude desta mulher nos coloca:

1 — Como vivemos a nossa vida cristã, hoje?

a) Com referência a **quê** ou a **quem**, vivemos, decidimos crescemos e pensamos?

b) À luz de **quem** ou de **quê**, oramos, meditamos, vamos à igreja, obedecemos?

2 — Para o povo judeu, toda a vida social, religiosa, económica e política girava em torno de YHWH. Neste contexto, a Lei ocupava um lugar preponderante: Era o centro de toda a vida religiosa e de todo o crescimento espiritual. Tudo era feito em função dela, pois esta era a Revelação do próprio Deus ao Seu povo.

a) Para nós, Cristãos Adventistas do Sétimo Dia, a Lei dos Dez Mandamentos é a expressão da vontade de Deus, do Seu desejo de nos fazer felizes. Mas precisamente aqui, por vezes, fazemos para com a Lei o mesmo que o povo de Israel fazia: Ela torna-se o centro de tudo. E Deus, o seu autor?

b) Nós não temos dúvidas quanto à importância da lei, sua origem, seu real valor, mas que lugar deve ela ocupar na minha vida de cristão, de filho de Deus? Que lugar deve ela ocupar no meu relacionamento com Deus, no meu crescimento espiritual?

O povo de Israel, como sabemos, era um povo que vivia em função da lei. Com referência a ela, foi feita uma vasta compilação de tradições judaicas, dentro do contexto do Antigo Testamento, onde são abordados todos os aspectos da vida judaica: Vida civil, moral, jurídica, sanitária e religiosa. Trata-se do Talmude, em Hebreu, *Lamad*, significando «ensinamento, doutrina».

Sob o pretexto de preservar a Lei, (lei, com sentido geral, significando todo o conjunto de ordenanças e directrizes e englobando todos os aspectos e necessidades da vida do povo de Israel, mencionados acima),

os Rabinos, ou Doutores da Lei, envolveram-na com uma exegese subtil, chamada *Midrash* (que quer dizer interpretação), dando assim origem a novas prescrições e regras de conduta, que era necessário seguir, e que mais tarde se tornaram tão importantes quanto o decálogo dado por Deus a Moisés, no Sinai.

Entre os autores mais famosos destas tradições Midráshicas, podemos citar Hillel, Shammai e Gamaliel, este, o Mestre de Saulo de Tarso (Actos 22:3). Os seus sucessores (*Tannaim*) criaram as escolas Talmúdicas da Palestina, das quais Jabné foi a mais célebre.

Foi no início do terceiro século, d.C., que Yehouda Ha-nâsi, um Rabi, fixou por escrito as numerosas tradições que alguns doutores judeus, como Akiba e R. Meier, recolheram. Esta obra foi chamada *Mishna* (ensinamento), e foi escrita em Aramaico, com palavras gregas e latinas hebraizadas. Em pouco tempo a *Mishna* constituiu-se autoridade nas escolas rabínicas.»¹

3 — Assim, quer a lei, quer os seus comentários e interpretações, foram e são ainda, o grande referencial do povo judeu.

4 — Para nós, também.

Compreendendo o significado da nova Aliança em Jesus Cristo, e sabendo que a lei dos dez mandamentos continua em vigor, sendo a própria expressão da vontade de Deus, ela toma um significado novo e real, devido à sua continuidade e importância na nossa nova vida sob a graça de Deus em Cristo.

Então, para nós, como Seus filhos, desejando obedecer-Lhe e servi-l'O, a lei dos dez mandamentos (sendo que todo o outro conjunto de leis cerimoniais — tipo — que apontavam para Cristo, Sua vinda e ministério em favor do Homem, encontraram o seu fim — antítipo — na vinda e ministério, morte e ressurreição de Cristo)² continua em vigor.

Mas, apesar de tudo isto, é importante saber que papel ocupa a lei na nossa vida, que lugar ocupa ela no nosso crescimento espiritual e em que medida intervém no nosso relacionamento com Deus e no nosso conhecimento do pecado. Segundo Paulo, Tiago e João, a lei:

a. É o aio que nos conduz a Cristo: Gálatas 3.24,

b. Dá-nos o pleno conhecimento do pecado: Romanos 3:20,7:7.

c. É santa e proveitosa para nós: Romanos 7:12.

Paulo Renato F. Garrochinho

d. Dá e preserva a nossa verdadeira liberdade: Tiago 1:25.

e. Constitui a norma do julgamento: Tiago 2:12.

f. Revela-nos que «pecado» é transgressão da mesma: I João 3:4.

Mas também segundo Paulo, Tiago e João, a lei:

a. Não pode justificar-nos: Gálatas 5:4,3:11.

b. Não pode aperfeiçoar-nos: Hebreus 7:19.

c. Não pode salvar-nos: Gálatas 3:24-29. Romanos 5:6-9, João 15:5, 17:3, 3:16.

A lei ocupa um lugar muito importante na nossa vida com Deus, mas... além dessa importante norma ou expressão da vontade de Deus, existe alguém que deve ser o centro de toda a nossa existência. É à luz dessa personagem que tudo o mais toma sentido e tem razão de ser: o crescimento espiritual, a ética cristã, o conhecimento do pecado, em suma, a razão mesmo da existência da lei é compreendida tendo como referência essa mesma personagem.

Antes mesmo de identificarmos essa personagem, à volta da qual tudo gira e tem razão de existência, é muito importante compreender o que é o «pecado». Pecado que, como Paulo diz, é revelado pela própria lei.

5 — Segundo o apóstolo João (1 João 3:4), pecado é transgressão da lei. Mas deve ser compreendido e sentido somente em relação à lei? A um código moral, mesmo sendo ele a expressão da vontade de Deus? Pensamos que não.

a) O pecado, mais do que qualquer outra coisa, deve ser compreendido e sentido dentro e através da nossa relação com Cristo.

O pecado não é tanto uma «transgressão moral», mas sim uma «quebra de relacionamento», de comunhão entre o Homem e Deus. O Homem transgredir a lei porque antes de tudo quebrou a sua relação com Deus. Uma é a consequência da outra.

Como nos diz Karl Barthe, «O pecado é a perturbação introduzida na relação entre Deus e o Homem.»³

Pecado não é somente transgredir uma lei, embora santa, justa e boa, mas é sobretudo afastar-se de Deus, rejeitá-l'O, abandoná-l'O. Em suma, pecado é o orgulho humano que se manifestou exteriormente nessa quebra de comunhão

«Todo o pecado é contra Deus. Quando pecamos, não pecamos contra regras inscritas sobre uma pedra, mas contra um Pai Celeste que nos ama.»

entre Deus e o Homem. Quando transgredimos, não somente quebramos a lei, mas quebramos, acima de tudo, e perdoem-me esta antropomorfização, o coração de Deus.

6) É agora que necessitamos de nos colocar, como Maria, aos pés dessa tal Personagem que é Jesus. Através dessa atitude de humildade, tão contrária à atitude de auto-suficiência humana, compreendemos que Cristo é tudo para nós, que sem Ele o nosso crescimento cristão, o nosso conhecimento e compreensão do pecado e o nosso relacionamento e atitude para com a lei não têm qualquer significado.

a) Estou eu, em minha vi-

da pessoal como cristão, em relação com uma Pessoa, Cristo, ou simplesmente com um conjunto de regras, isoladas do Seu Autor?

b) Quando peço, o meu arrependimento é originado porque eu transgredir a lei, ou porque feri o próprio Deus, rompendo a minha relação com Ele?

c) Faço eu o meu crescimento cristão com Cristo e em Cristo?

Com isto não rejeitamos a lei. Mas, juntamente com o apóstolo Paulo, damos-lhe o seu lugar e função legítimos. Edward Heppenstall declara:

«Todo o pecado é contra Deus. Quando pecamos, não pecamos contra regras inscritas sobre uma pedra,

mas contra um Pai Celeste que nos ama. Em presença de Cristo, nós aceitamos que os nossos pecados são reais e bem reais. Eles não são simplesmente erros de ordem social. A experiência do perdão é reservada àqueles que vêem o pecado à luz da sua relação com um Deus pessoal.»⁴

7 — A lei torna-se, então, não algo de «árido» e «proibitivo», mas o desejo de um Deus que ama o Seu povo e quer a sua felicidade e bem-estar. Mas nunca devemos deixar de dar a Cristo um lugar supremo nas nossas vidas, e tomemos como exemplo Maria, que se preocupou com o que podia obter de Jesus e não com o que podia fazer-Lhe. Daqui

podemos tirar uma ilustração bem real da salvação pelas obras, simbolizada por Marta, e da Salvação pela fé, simbolizada por Maria.

Mesmo assim, Maria não deixou de fazer a sua parte: **Decidiu sentar-se aos pés de Cristo e aí permaneceu.** Assim, aos pés de Cristo, desse Cristo que foi Deus-Homem para salvar-nos, compreendemos que:

a. Ele morreu por nossa causa, por *minha* causa.

b. Ele suportou as consequências do pecado, afastamento de Deus, que *eu* próprio devia suportar.

c. O pecado é plenamente revelado e desmascarado com todas as consequências de morte e separação de Deus que ele comporta.

Mas também, aos pés de Cristo, e ao contemplar essa cruz que é «escândalo para os judeus e loucura para os gregos» (I Cor. 1:23), eu compreendo a realidade e a certeza da *Nova Criatura* que é justificada pela fé n'Aquele que é o Único que pode justificar-nos, santificar-nos e reconciliar-nos com a Divindade.

1. *Nouveau Dictionnaire Biblique*, Saint-Légier sur Vevey, Edições Emmaus, 1961, pp. 449-451.

2. Colossenses 2:14-17; Efésios 2:13-16.

3. *Dogmatique Ecclésiastique*, Vol. IV, Tomo 2, p. 62. Genebra: Labor et Fides, 1966.

4. *Méditations Matinales*, «Dieu et moi», 24 de Fevereiro de 1984. Dammarie les Lys: éd. Signes des Temps, 1984.

Paulo Renato Garrochinho, licenciado em Teologia, é o responsável pastoral das igrejas de Oliveira do Douro e Matosinhos.

Cristo é a Solução

Por ocasião da vinda do pastor Alejandro Bullón a Portugal, para as campanhas de evangelização SOL — Semana de Oração e Louvor — o pastor Ezequiel Quintino, responsável pelo Departamento de Comunicações da União, fez-lhe uma entrevista para a «Voz da Esperança», que foi transmitida nas diferentes rádios que passam a referida emissão.

Trata-se de uma mensagem de esperança e salvação, que aponta Jesus como a solução de todos os problemas individuais. Por isso achamos ser de interesse para a Igreja em geral.

Ezequiel Quintino: — Pastor Bullón, como surgiu a ideia da criação da *Semana de Oração e Louvor*?

Alejandro Bullón: — O que motivou a criação deste programa foi a necessidade de alcançar muita gente ao mesmo tempo com o Evangelho. Eu não podia estar em todos os lugares ao mesmo tempo e cada campanha que se organizava era apenas para 500, 1000 pessoas. Mas, pensava, se eu pudesse alcançar 25-30.000 pessoas ao mesmo tempo, seria muito melhor. Foi isto que nos levou a alugar grandes ginásios desportivos, locais onde coubessem bastantes pessoas, e deu-se origem a este tipo de campanhas de evangelização.

— Então, é dirigido normalmente a pessoas cristãs ou não cristãs?

— É dirigido a todo o tipo de pessoas, não é especificamente para membros de igreja. As conferências são públicas e todas as pessoas são convidadas a assistir, mas desde a primeira noite falamos de Jesus como a única saída para os problemas do ser humano.

— Então, o pastor apresenta Jesus como sendo a solução para os problemas da humanidade e para cada pessoa em particular?

— É certo, porque o que caracteriza realmente o programa não é a teoria. Apresentamos Cristo como uma solução prática, como uma Pessoa, e não apenas como um conceito, como uma filosofia de vida, mas como um Ser que pode estar ao nosso lado, com quem podemos conversar, em quem podemos confiar, a quem podemos levar os nossos problemas e dificuldades. E o ser humano entende que Cristo não é apenas uma ideia, um nome. É uma pessoa. Então ele pode sentir-se acompanhado no meio deste mundo de solidão.

— Precisamente. Na nossa sociedade existem tantas contradições e problemas, que a sociedade em geral e as pessoas em particular, isto é, cada indivíduo sente um certo isolamento mesmo estando no meio de grande multidão e será que mesmo assim Jesus é a resposta para essas pessoas que se sentem sós, abandonadas?

— Aí é que está o assunto. A nossa sociedade é meio contraditória, porque nunca

na história deste mundo vivemos uma época de tanta comunicação. Hoje estamos vivendo a sofisticação da comunicação. Podemos comunicar-nos por televisão, pela rádio, pelo telefone, e daqui a pouco teremos o telefone com imagem. Mas também nunca como hoje o ser humano se sentiu tão sozinho. Às vezes, milhões de pessoas andam nas ruas daquelas cidades cosmopolitas, como Lisboa, São Paulo, Rio de Janeiro, Nova Iorque. E o ser humano sente-se perdido, sozinho. Então é bom entender que, mesmo que não o compreenda, mesmo que ele próprio não se aceite, há Alguém que o aceita tal como é, Alguém que o compreende, Alguém que não o deixa nunca, que está sempre ao seu lado. E nós apresentamos a Cristo dessa maneira, porque é assim que O encontramos no Evangelho. Jesus sempre encontrou pessoas solitárias. Encontrou uma mulher solitária procurando água, encontrou um homem solitário como Zaqueu subindo a uma árvore, encontrou gente sofrendo sozinha e levou esperança, e levou paz a esses corações. E Ele pode fazê-lo hoje também com o ser humano actual.

— Exacto. Além das pessoas solitárias, será que Jesus também responde hoje aos doentes, aos que sofrem de doenças incuráveis, de cancro, de sida, que é a grande praga do século XX? De que maneira pode Jesus ser a resposta para essas pessoas?

— Há uns três anos, estava

no Chile e conheci um jovem condenado à morte pela Sida. Ele tinha vivido uma vida completamente distorcida, tinha palmilhado por caminhos estranhos, praticara a homossexualidade, usara drogas e um dia descobriu que estava com Sida. Então, voltou os seus olhos para Jesus. A pergunta é: Que pode fazer Jesus por um homem nesta situação, desesperado? Talvez o maior milagre que Jesus precisa de fazer hoje não seja curar o corpo, porque Jesus vai à raiz do problema, vai mais fundo.

Jesus levou a esperança ao coração desse rapaz e, quando ele morreu, morreu com um sorriso nos lábios, feliz, porque embora pesasse 30 kg, completamente acabado pela doença, ele tinha paz e estava preparado para se encontrar com Jesus quando Ele voltar.

Acho que hoje o maior milagre que Jesus pode fazer é curar o nosso coração, curar a nossa ansiedade. Isto não quer dizer que Ele não possa curar um cancro ou um doente de Sida. Ele pode fazê-lo, mas isso tem de ser colocado nas mãos de Deus, para que a vontade d'Ele seja feita.

— Se bem compreendo, a grande dimensão dos milagres de Jesus hoje será mais no sentido de corrigir as ideias e as mentalidades e propriamente a aceitação, até um certo sentido, do sofrimento, embora Jesus tenha todo o poder para curar.

— É certo, porque na Bíblia nós não encontramos a

ideia de que os filhos nunca ficarão doentes, não terão dificuldades. Pelo contrário, na Bíblia encontramos bem clara a ideia de que os filhos de Deus, vivendo neste mundo de pecado, muitas vezes enfrentarão a dor, a tristeza, o sofrimento, as dificuldades, mas os filhos de Deus nunca estarão sozinhos. Aí está o grande milagre. Os que não têm Cristo na sua vida sofrem, mas o sofrimento na sua vida é como a ferida purulenta que os desespera, enfraquece e mata. Os que têm Cristo também sofrem, ou podem sofrer, mas o sofrimento na sua vida é como a ferida limpa. Pode doer e sangrar, mas sarará e com o tempo só ficarão cicatrizes.

— **Está aí a grande diferença entre encarar o sofrimento reagindo com violência e não o aceitando, e entre aquele que tem Cristo no coração, que sente a acção de Jesus e do Espírito Santo na sua vida. Este pode aceitar o sofrimento com uma certa alegria?**

— Perfeitamente. E esta posição pode parecer um comodismo, uma resignação fria, mas não é.

— **Ou até de uma loucura.**

— Infelizmente. Quando a gente tem saúde, quando está bem, isto que estou dizendo parece loucura, mas quando o ser humano está doente, desenganado pela ciência médica e não sabe para onde ir, então descobre quanta sabedoria e quanta profundidade existe nesta mensagem de que precisa não só o corpo, mas o coração, o desespero interior. Ter paz, talvez seja hoje o maior milagre que Deus pode fazer na vida do ser humano!

— **Julgo que a grande dimensão que o Pastor focou é aquela que de facto inte-**

ressa a cada ser humano. Além de Jesus ter o poder ainda hoje, como tinha há cerca de 2000 anos, para curar da doença física, para ensinar — e Ele atingia os corações, digamos, as dimensões mais profundas do ser humano através da espiritualidade — penso que Jesus é o grande Médico, aquilo que em linguagem cristã se diz «grande médico d'alma». É Ele que cura do pecado, que salva do pecado. Era essa dimensão que gostaria que o Pastor pudesse desenvolver para nós. Como é que Jesus consegue fazer o milagre da purificação interior do ser humano?

— A Bíblia chama a isso *conversão* e a conversão é um milagre, e milagres não se podem compreender. Milagres têm de ser aceites. Eu não posso entender como é que um paralisado andou. Nenhum médico pode explicar essa cura. Milagres têm de ser aceites. Do mesmo modo, a água que com o toque de Cristo se transformou em vinho é um facto que nenhum químico pode explicar, porque é um milagre e milagres não se podem compreender. O ser humano nasceu originariamente mau e egoísta, gosta das coisas erradas da vida. O ser humano natural não gosta de Deus, não gosta de fazer o bem, não gosta de amar o próximo. De repente, encontra-se com Cristo e Cristo coloca no coração deste ser humano a vontade de buscar a Deus, o desejo de servir, o desejo de amar. Como é que acontece isso? Não tem explicação teológica, não tem explicação humana. É um facto e um milagre. Tem de ser aceite, porque este o maior milagre que já vi e que ao longo do meu ministério tenho constatado: homossexuais, prostitutas, bêbados, ateus, marginais, assassinos

serem transformados pelo poder de Deus! Eu não o posso explicar, ninguém pode explicar, mas posso apresentá-los. São vitoriosos, com a vida completamente transformada.

— **Podemos apenas verificar que a mudança se efectuou. É essa a grande prova e, como costuma dizer-se, contra provas não há argumentos.**

— Essa é a diferença entre ciência e religião. Porque a ciência coloca tudo sob a lente do microscópio, leva tudo ao laboratório, para ser analisado, mas no Cristianismo entra a fé e a fé é acreditar, muitas vezes sem compreender os detalhes, mas confiando em que temos um Deus todo-poderoso, capaz de o fazer. Maravilhoso. Ele nunca falhou. Não vai ser agora que vai falhar.

— **O Pr. Bullón fez duas séries de conferências em Portugal, uma no Porto e outra em Lisboa. Quais são as suas impressões do público português?**

— Cheguei com um certo temor, pois tinham-me dito que o europeu, por natureza é muito racionalista e não é muito dado a coisas espirituais. Mas volto para a América do Sul com um conceito completamente diferente, porque a resposta do povo português, tanto no Porto como em Lisboa, foi das melhores respostas que já encontrei em qualquer lugar em que já preguei. O ser humano de hoje precisa de Cristo. Pode ser português, japonês, chinês, americano. O ser humano está caindo a pedaços, interiormente, por falta de Cristo.

— **Julga que essa é a sua maior necessidade?**

— Sem dúvida nenhuma. Eu conheço famílias ricas, que podem viajar, ter uma segunda, terceira ou quarta lua

de mel, que podem comprar móveis, carros, jóias, podem ter tudo quanto quiserem, mas não são felizes, porque não têm Cristo. Essas mesmas pessoas, quando descobriram a Cristo na sua vida, encontraram a felicidade que o dinheiro não lhes deu, que a cultura não dá, que o poder não dá, que a fama não dá. Cristo é, sem dúvida nenhuma, a solução para os problemas humanos. Pena é que os seres humanos, para entenderem este assunto tão simples, tenham que ferir-se, tenham que magoar-se, tenham que chegar ao ponto de não terem mais para onde ir. Só então se lembram de Jesus.

— **Como uma última mensagem, agora já não face a face, mas através da rádio, em que talvez possamos atingir milhares de ouvintes, qual seria, em alguns segundos, a sua mensagem para essas pessoas?**

— Que o Cristianismo não é apenas pertencer a uma igreja. É mais do que isso. É viver uma maravilhosa experiência com *Cristo, a Pessoa Central do Cristianismo*.

Ao trabalhar, andar na rua, estudar, brincar, correr ou ao fazer qualquer outra actividade do dia-a-dia, o cristão tem que ter presente que Cristo está ao seu lado. O fruto dessa comunhão, desse companheirismo, será uma vida de obediência, uma vida de respeito aos princípios de Deus. E o mundo será sacudido quando os cristãos deixarem de limitar o seu cristianismo a ir uma vez por semana à igreja e aprendam a viver o Cristianismo 24 horas por dia.

— **Podemos pois dizer que com Cristo tudo e sem Cristo, nada.**

— Perfeitamente. Um abraço a todos os ouvintes!

Entrevista feita por Ezequiel Quintino

Igreja de Cascais: Festival de Outono 93

Realizou-se no passado dia 4 de Dezembro de 1993, na igreja de Cascais, o festival de Música Cristã — Outono 93, o qual contou com a participação de várias igrejas da área de Lisboa, e de Leiria, pela zona centro. Este encontro revestia-se de algumas nuances, como sejam, a obrigatoriedade das letras e músicas serem originais, o que deu, desde logo, uma oportunidade aos nossos artistas de expandirem a sua criatividade, e foi organizado pelo grupo musical «Haniel», que se formou recentemente.

Quanto a este grupo, que teve a seu cargo toda a montagem do programa e efectivação do mesmo, cabe aqui referir a sua boa actuação na 2.ª parte do programa, onde apresentou apenas originais seus e demonstrou que o seu projecto tem boas possibilidades, ou seja, intervir socialmente através do canto, em uma mensagem jovem, original e incisiva.

No que diz respeito à 1.ª parte, desfilaram os oito concorrentes apurados e que vieram das igrejas do Barreiro, Baixa da

Banheira, Amadora, Sintra e Leiria.

Com um júri idóneo a apreciar todos os pormenores, atribuíram-se no final os seguintes prémios:

1.º lugar — Grupo BETSEBA, igreja do Barreiro.

2.º lugar — Daniel Almeida, igreja de Sintra.

3.º lugar — Grupo EL SHADAI, igreja de Leiria.

O grupo de Leiria arrecadou ainda o prémio para a melhor interpretação.

Este encontro, além da numerosa assistência que encheu por completo a sala de Cascais, tendo algumas dezenas de pessoas ficado de pé, contou ainda com a presença de Michel Gall que, ao piano, deliciou com a sua arte e saber todos os presentes.

Após o êxito que constituiu este evento, o grupo Haniel já se prepara para o Festival de Outono 94. Os nossos compositores que comecem a trabalhar, que originais precisam-se.

J. Filipe
Igreja de Cascais



leu», do Pde. Zézinho, e «Segura na mão do Deus e vai») proporcionaram um momento espiritual muito forte. Ao caloroso apelo do pastor A. Gameiro, dirigido à assembleia para confiar suas vidas nas mãos de Deus, responderam, visivelmente emocionados, uma boa parte dos presentes não baptizados, que decidiram, eles também, iniciar uma experiência profunda com Cristo. Aliás, emoção foi coisa que não faltou no momento em que as recém-

baptizadas deram o seu testemunho.

O trabalho por Cristo e com Cristo prossegue na cidade de Moura. Os nossos olhos estão postos nas promessas de Deus: «Os que semeiam em lágrimas segarão com alegria» (Salmo 126:5).

Pedimos a todos os irmãos que orem pelo êxito do trabalho em Moura.

Luis Manuel Lobato Rosa
Pastor da igreja de Moura

«Segura na mão de Deus e vai...»: Moura, 4 pessoas baptizadas

A igreja de Moura está disposta a crescer.

Como resposta ao apelo do divino Mestre: «Quem crer e for baptizado será salvo» (Marcos 16:16), quatro preciosas almas desceram às águas baptismas no passado dia 18 de Dezembro de 1993.

Isabel Francisca G. R. Garcias e Maria de Fátima Gomes Caracol, da cidade de Moura e Idália Vitorina P. T. Palma e Maria Vicência F. P. Remexido, da aldeia de Faro

do Alentejo, juntaram-se ao precioso grupo daqueles que são já as «pedras vivas» da Igreja de Cristo na cidade de Moura.

Perante uma bela assembleia, os baptizados foram realizados da parte da manhã na igreja de Évora, com a preciosa colaboração do pastor da igreja de Moura. A abrilhantar esta festa espiritual esteve a voz do jovem João Parreirinha, da igreja de Setúbal. Os dois cânticos por ele interpretados («O Jovem Gali-

«Se esta fosse a última passagem de ano antes da volta de Jesus»

Foi com alegria que os Jovens Adventistas de Setúbal estiveram reunidos em Tróia para terminarem o ano de 1993 e ver nascer este Novo Ano de 1994, num retiro que teve por tema, precisamente: «Se esta fosse a última passagem de Ano, antes da volta de Jesus?»

A juventude da nossa igreja, através do seu director, Dr. Emanuel Esteves, convidou Cristo, os Anjos, o Pr. Daniel Vicente e sua família. Éramos perto de 70. Todos com vontade de partilhar momentos que nos ajudassem a reflectir no Bom Deus que é Jesus Cristo. E enquanto o mundo lá fora se envolvia numa alegria vazia, sem objectivos e sem sentido,

nós louvávamos a Cristo de todo o nosso coração, pelo Seu tão grande amor, demonstrado ao longo dos 365 dias do ano que findava.

Fizemos uma revisão das profecias, reflectimos na nossa vida individual e na vida em conjunto como jovens cristãos. Procurámos ter a noção da nossa responsabilidade, na grande missão de testemunhar do nosso Salvador aos outros.

Não perdemos tempo. Na noite de Sábado para Domingo, alguns dos nossos Desbravadores tiveram a oportunidade de conversar com jovens não adventistas, mostrando-lhes a existência de um Salvador.

Sempre imbuídos do mesmo

propósito, o Espírito do Senhor levou-nos a concluir que, mesmo se esta não for a última passagem de ano antes da volta de Cristo, é sem dúvida o momento ideal para iniciarmos uma caminhada lado a lado com Jesus, marcando desde já um encontro com Ele até ao Seu regresso que sabemos estar próximo.

Acreditamos que «o Senhor não retarda a Sua promessa ainda que alguns a tenham por tardia», porém o Seu grande desejo é «que ninguém se perca» (I Ped. 3:9).

Assim terminámos este retiro com vontade de não nos perdermos com as coisas supérfluas do mundo neste novo ano, mas deixarmos que Cristo habite para sempre no nosso coração, transformando-nos em seres espirituais, fazendo desta passagem de ano, a última, longe do nosso Amado Salvador. Maranata.

Patrícia Meneses Oliveira
Secretária de Jovens da
Igreja de Setúbal

Igreja de Lisboa Central: 7 Baptismos

A igreja central de Lisboa viveu no Sábado 5 de Fevereiro uma verdadeira festa espiritual, associando o seu louvor ao dos anjos, por sete preciosas almas darem o seu testemunho público através do baptismo. Eis os seus nomes: David José Tavares da Silva, Ana Margarida Mendes, Sara Duarte Ferreira Rabiais, Maria Penas de Oliveira Ferreira, Joaquim Gonçalves Pereira, Olga Helena Ferreira Gonçalves e Maria Emília Guinot Pinto da Cruz.

A cerimónia foi realizada pelo pastor Sérgio Teixeira, responsável pastoral de Lisboa central e constituiu um momento ímpar de testemunho e evangelização, dado que contámos com bastantes visitas, algumas das

quais era a primeira vez que entravam numa igreja adventista e assistiam ao baptismo bíblico por imersão. Por outro lado, ela insere-se na dinâmica evangelística da igreja que, ainda no contexto das conferências realizadas em Novembro passado pelo pastor Bullón, tem vindo a manter alguns contactos e estudos bíblicos que pouco a pouco vão amadurecendo, resultando em decisões por Cristo.

No momento de saudar os nossos novos irmãos, foi-lhes dada a oportunidade de se dirigirem à assistência e falarem da sua experiência cristã e da maneira como foram conduzidos a Cristo.

Os três primeiros — Ana, David e Sara — são jovens que nos

habitámos a ver na igreja, que cresceram em lares adventistas e seus pais guiaram nos caminhos do Senhor. É um privilégio aceitar a Jesus na sua juventude e Senhor esperan muito destes Seus filhos.

A irmã Maria Penas começou a estudar a Bíblia só por si, procurando pôr em prática os seus ensinamentos. E um dia, «por acaso», passou perto da igreja e entrou. Foi este o modo como Deus a chamou, mas nós sabemos que foi Deus quem a inspirou e actuou no seu coração, pois tem um desígnio para a sua vida.

Quanto ao irmão Joaquim Pereira, foi o testemunho silencioso da sua esposa, nossa irmã Maria Teresa, que o conduziu a Cristo e despertou o seu interesse pela Igreja. Ao constatar a mudança que ia operando na vida dela, decidi investigar a Bíblia para ver se aí encontrava a razão. Descobriu que a Palavra de Deus tem poder para transformar pessoas e prepará-las para viver com Cristo. Começou a acompanhar a esposa e os filhos à igreja e agora também ele é nosso irmão em Cristo.

A irmã Olga já conhecia a Mensagem Adventista desde Angola e quando veio trouxe consigo a semente que um dia havia de brotar e dar fruto. Chegou agora o momento de concretizar o chamado de Jesus para que O seguisse. Como foi comvente vê-la entregar a sua bebé a uma outra irmã, enquanto descia às águas baptismas! Que Deus a ajude a guiar também a sua filha nos caminhos do Senhor.

A irmã Maria Emília Guinot tem uma experiência vulgar de sofrimento e superação pela fé, de tristeza e conforto no Senhor. Seu marido era um conceituado advogado em Nova Lisboa, onde tinha muitos amigos. Quando vieram para Portugal, ele continuou as suas actividades acumulando as funções de deputado à Assembleia da República, até que grave doença o vitimou. Nesse momento de grande provação, a irmã Maria Emília recebeu grande conforto da família Parsons,

que vivia nos Estados Unidos, que foram incansáveis a escrever, telefonar, a falar do poder de Cristo para sarar todas as feridas.

Algum tempo depois, a nossa irmã sofreu um novo desgosto, pois um filho seu, também advogado e deputado à Assembleia da República, faleceu, juntamente com a esposa, num acidente de viação. E de novo a família Parsons e outros amigos adventistas procuraram ampará-la espiritualmente. A irmã Maria Sampaio Nunes visitava-a às vezes e costumava oferecer-lhe todos os anos as *Meditações Matinais*. Por ocasião das conferências do pastor Bullón, achou ser uma boa oportunidade convidá-la. Ela foi e assistiu a todas as reuniões. Então, quando chegou o momento do apelo, ela perguntou à nossa irmã:

— E agora, o que faço? Não conheço a Bíblia!

— O importante é conhecer a Jesus. Alguém a há-de instruir nas Sagradas Escrituras, foi a resposta da irmã Maria Sampaio Nunes.

E assim aconteceu. À medida que ela conhecia a Palavra de Deus e o seu Autor, a sua vida ia passando por uma mudança e, pouco a pouco, a fé encheu o seu coração e ela conseguiu superar a sua dor e encontrar paz e alegria no Senhor. A quem lhe perguntava a razão dessa mudança, respondia, falando da sua nova fé e esperança da ressurreição em Deus. Isso foi um precioso testemunho para os seus familiares que manifestaram o desejo de conhecer esse Deus tão poderoso, que opera milagres nas vidas dos Seus filhos. Assim, no dia do baptismo da irmã Maria Emília Pinto da Cruz, muito familiares e amigos seus, magistrados e altos funcionários, e em especial os seus dois filhos e respectivas famílias, estiveram presentes na Igreja Adventista do Sétimo Dia. Pensamos que ficaram com uma recordação inesquecível.

Desejamos pedir aos irmãos, leitores da *Revista Adventista*,



que orem pela igreja de Lisboa central, pelas visitas que recebemos e por aquelas com quem estamos a estudar as Sagradas Escrituras e, de modo particular, por estas sete almas

que o Senhor agregou à Sua Igreja.

Vitalina Pereira

Assistente pastoral da igreja de Lisboa Central

O mesmo Natal de sempre

Localmente, e derivado do tempo de crise que se abateu sobre muitos lares, vimo-nos confrontados com a quadra referida, tendo como preocupação de sempre procurar tocar determinadas zonas carenciadas.

Há uma diferença enorme entre o ouvir falar de desemprego, salários em atraso, limitações de toda a ordem, e contemplar a dureza dos quadros de que se ouve falar nos meios de comunicação social. A realidade é chocante.

Quase que surge um sentimento de autêntica impotência! Apesar destas dificuldades de tomo, a igreja de Peniche foi sacudida para uma acção de tal envergadura, que a própria rádio e jornal locais fizeram eco.

Tempo de crise é tempo de oportunidade.

Numa vontade de bem servir o próximo, equipas locais fizeram um verdadeiro inquérito em bairros degradados, confrontando-se com a realidade nua e crua. Havia necessidade de tu-

do! Foram meses de trabalho árduo em que a dedicação cristã das nossas irmãs marcou muitos pontos.

Devido à implantação e prestígio da própria igreja na comunidade, obtivemos a colaboração do comércio e mesmo de particulares, que em muito ultrapassaram as previsões mais optimistas. Graças a Deus por isto.

Eis a frieza dos números estatísticos:

— 1.000 impecáveis peças de vestuário;

— 100 bem fornecidos sacos de mercearia;

— 100 pessoas contempladas por esta acção.

O fim de ano de 1993, para alguns, foi bem mais suave. Mais uma vez Peniche disse presente, isto porque, como sempre, em Peniche procura-se evangelizar. Mais uma vez o fizemos.

Manuel Garrido

Pastor das igrejas de Caldas da Rainha, Peniche e Rio Maior

trou em sua casa pela primeira vez, para lhe dar uma palavrinha de conforto e orar com ela. Leu-lhe de uma grande Bíblia, que tinha pertencido ao falecido marido. Explicou-lhe o que a Bíblia ensina acerca da morte e da esperança da Ressurreição.

Três anos mais tarde, quando a irmã Silvana adoeceu gravemente, foi o pastor Mansell que de novo a foi socorrer. O pastor usou o simples método da hidroterapia, o que trouxe de volta a saúde e o vigor à nossa irmã. A partir desta experiência, a nossa irmã aceitou a mensagem Adventista.

A irmã Silvana foi sempre muito fiel a todos os programas da igreja. Muitos vieram ao conhecimento da verdade através do seu zelo missionário. Entre outros, conta-se o

falecido irmão César, que veio ao conhecimento da verdade através de um folheto que lhe foi oferecido pela irmã Silvana.

A Campanha das Missões era algo muito especial e sagrado para a irmã Silvana. Mesmo idosa, não faltava a este compromisso. A última vez que fez a Campanha das Missões foi em 1993, meses antes de falecer.

A toda a família enlutada, a *Revista Adventista* apresenta os seus pêsames. Que a esperança que a vossa querida mãe e avó tinha em Jesus Cristo possa ser também a vossa esperança, para que a torneis a ver na manhã da Ressurreição.

C. N. Cordeiro

Pastor da igreja do Funchal na altura em que a nossa irmã faleceu

Fernanda Gaião



Eram 23 horas do dia 10 de Janeiro, e como muitas vezes sucede, o telefone tocou; do outro lado, uma voz chorando dizia: «Pastor, a Fernanda Gaião morreu». Fiquei como paralisado, não podia ser verdade, nesse mesmo dia falara e orara com ela. Que devia fazer? Senti que não tinha palavras, e enquanto me dirigia para o Entroncamento, falei com Deus e pedi-Lhe para me ajudar a ser uma bênção, pois via-me incapaz de ser útil diante de uma tão grande desgraça e, enquanto subia as escadas para nessa noite visitar os familiares enlutados, veio ao meu pensamento uma convicção: Deves chorar com os que

choram. E foi isso que fizemos.

A igreja de Tomar, de onde era membro, e a do Entroncamento e Santarém sentiram muito a perda desta nossa jovem irmã de 35 anos e estiveram presentes no último adeus nesta terra. Acredito que a Fernanda morreu, ou melhor, adormeceu em Cristo. Poucas horas antes do seu falecimento, visitei-a, falámos ambos do grande Amor de Jesus, e, depois de orar, ela disse-me que sentia Jesus perto dela; as suas últimas palavras foram de fé e esperança.

O funeral ocorreu no dia 12 de Janeiro, no Entroncamento, de onde era natural e com a presença de muitos amigos e irmãos. O sermão fúnebre, cheio de esperança e consolo, esteve a cargo do pastor Alberto Nunes que há 11 anos a casara, e que com emoção apresentou Jesus como o único que pode verdadeiramente consolar.

A Fernanda Gaião deixa marido, nosso irmão Romualdo, e três filhos, de 9, 5 e 2 anos, além dos pais, irmã e sogros, a quem apresentamos o nosso sen-

Aguardando a Ressurreição

Silvana Pereira da Silva

Só agora (Fevereiro de 1994) nos chegou a notícia do falecimento desta nossa irmã, o membro mais antigo do Funchal que, contudo se reveste de grande interesse.

A irmã Silvana era a irmã mais velha e mais antiga da igreja do Funchal. Nasceu a 16 de

Setembro de 1902 e veio a falecer a 6 de Julho de 1993 com 90 anos de idade.

Conheceu a mensagem com 27 anos de idade no dia em que faleceu o seu primeiro marido. O pastor Mansell, o primeiro pastor da Madeira, fazia trabalho de porta a porta quando en-

timento de tristeza e dor e lembramos que todas as vicissitudes da vida estão nas mãos de um Pai Eterno de Amor e compaixão, e que Ele prometeu Vida Eterna mediante Jesus Nosso Salvador.

Jesus disse; «Eu Sou a Ressurreição e a Vida; quem crê em mim ainda que esteja morto viverá.»

Oramos pelos familiares, pa-

Pastor José Pedro Falcão Sincer



Mais um servo de Deus tomou. O Pastor José Pedro Falcão Sincer faleceu no dia 4 de Fevereiro em Figueiró dos Vinhos, o local que elegera para a sua «Missão Maranata» quando, por motivos de doença, deixara o serviço pastoral activo. O funeral realizou-se neste mesmo lugar, no dia 6, com a presença de familiares e muitos amigos e irmãos das várias igrejas por onde passou. Dirigiu a cerimónia o pastor Manuel Cordeiro, com a colaboração do pastor Joaquim Dias que, em nome da União Portuguesa dos Adventistas do Sétimo Dia, lembrou a trajectória pastoral e missionária do pastor Sincer, assim sintetizada.

Funcionário do Instituto Nacional de Estatística, o irmão Sincer conheceu a Igreja através da Escola Bíblica por Correspondência e foram decisivos para a sua conversão e aceitação da Mensagem os contactos que então teve com o pastor Alberto Raposo, director deste departamento. A partir de então, um

ra que o amor de Cristo esteja em seus corações e sintam o profundo desejo de um dia se encontrarem com a Fernanda naquele lugar onde não haverá morte, nem lágrimas, nem dor, porque já as primeiras coisas são passadas.

Daniel C. Martins

Pastor de Abrantes,
Entroncamento e Tomar

só desejo animou o nosso irmão: partilhar o ministério da Palavra e pregar a Mensagem em toda a sua plenitude, e nesse sentido procurou preparar-se.

Já casado e com uma filha, sua esposa, irmã Maria Amélia Dine Sincer, esteve sempre ao seu lado, companheira atenta e pronta a partilhar o seu sonho de apostolado missionário.

O primeiro campo pastoral do irmão Sincer era constituído pelas igrejas de Caldas da Rainha, Cadaval, Rio Maior e Peniche, algumas ainda em embrião, que se esforçou por fazer crescer nesse ano já longínquo de 1961. No ano seguinte é transferido para a igreja do Algueirão, onde em sua própria casa se estabeleceu uma Igreja Adventista do Sétimo Dia. Trabalha também na área de Lisboa e em Prior Velho, Sacavém. Mas é 1963 que lhe traz a concretização de um grande sonho: a ida para Angola, como missionário.

Nova Lisboa, a actual Huambo, é o seu primeiro lugar de trabalho e o ensino a sua actividade. Pouco depois são-lhe confiadas responsabilidades pastorais, primeiro na Caala e a seguir em Benguela e Lobito, tendo então iniciado o trabalho na Catumbela. Uma das suas alegrias foi a construção da igreja do Lobito, quando ali se encontrava.

Em 1968, vem a férias e passa esses meses em produtivo estudo no Seminário de Collonges. De regresso a Angola, é

colocado no centro evangelístico de Luanda, mas pouco depois é transferido para a Missão do Bongo, como director. Junto com a esposa e a filha, dedica-se ao ensino. Em 1971 é chamado a Nova Lisboa para dirigir a Casa Publicadora e pastorear a igreja de Caala.

Em 1972, dá-se o regresso a Portugal. Ao pastor Sincer é então confiada a responsabilidade da igreja de Vila do Conde, é nesta altura que ele sofre um enfarte cardíaco que, como é óbvio, o marcará profundamente. Ainda trabalhará na igreja de Santarém, mais próximo de Lisboa, onde é seguido medicamente, mas as suas condições de saúde vão recomendar que seja aposentado, o que tem lugar em 1974. Os irmãos Sincer fixam-se no Algueirão, mas em 1977 optam por Figueiró dos Vinhos.

E é aqui que sucede algo de extraordinário. Estudante assíduo das Sagradas Escrituras e do Espírito de Profecia, o pastor Sincer vai pôr em prática as lições e recomendações da reforma da saúde e torna-se, ele mesmo, exemplo vivo da sua verdade. Pouco a pouco vai reagindo, melhora as suas condições de saúde e começa uma aposentadoria activa, em que

prega, ensina, escreve e abre a Missão Maranata, destinada a restituir a saúde ou prolongar a vida aos que passam por problemas graves, e também a recuperar moralmente aqueles a quem a vida feriu. Ele e sua esposa serão o testemunho visível do que é a fé face aos obstáculos e do que é a esperança face ao desespero do mundo.

Mas Deus tem ainda um trabalho para este casal. Em 1987, é-lhes pedida a sua colaboração para um plano de serviço pastoral, primeiro no Funchal e a seguir na ilha Terceira, nos Açores, onde ficam um ano. De regresso a Figueiró dos Vinhos, continuam corajosamente o seu trabalho. Ainda há bem pouco tempo, o pastor Sincer escrevia a alguns crentes, dando testemunho da sua fé no próximo Advento de Cristo e apelando para que se preparassem para a breve vinda de Jesus. Nesta esperança, ele adormeceu.

À família enlutada, particularmente, sua esposa, irmã Maria Amélia Sincer, a sua filha e genro, irmãos Ana Maria e José Luis Sepúlveda, a seus netos, e demais família, apresentamos sentidos pêsames, lembrando a promessa da ressurreição em Cristo. — M. R. Baptista.

Já renovou a sua assinatura da *Revista Adventista*?

Não se esqueça: é importante que haja uma *Revista Adventista* em cada lar.

Roménia: 10.000 Jovens no 3.º Congresso Nacional da Juventude

O Congresso Nacional de Jovens da Roménia, que teve lugar de 22 a 25 de Julho de 1993, revestiu-se de características muito especiais.

Em primeiro lugar, bateu o record de presenças em congressos de Jovens na nossa Divisão, pois desde o princípio da nossa história nunca tantos jovens estiveram presentes. Nem sequer em congressos internacionais, que se realizam de 5 em 5 anos e onde a média de presenças é de 5.000 a 6.000.

Em segundo lugar e como bem disse o director de Jovens da União Romena, Ion Buciuman, «organizar um congresso com tantos jovens numa cidade como Bucareste foi sem dúvida um grande desafio. Nós providenciámos os alojamentos, mas os jovens tiveram de providenciar a sua alimentação. E estas coisas não são fáceis num país em que durante 50 anos os congressos de jovens adventistas foram proibidos!» Na realidade, eles fizeram o seu melhor e isso foi ótimo.

Logo na sexta-feira, teve lugar um desfile de mais de 3.000 jovens, em que os Desbravadores, fardados, iam à frente. A marcha começou no centro da cidade e percorreu várias ruas cantando e gritando «slogans» que apelavam a um mundo melhor e a buscar Deus.

As reuniões tiveram lugar no Hall Desportivo que o ditador Ceauscesco mandara edificar para glória do ateísmo. O programa incluiu testemunhos sobre o Ano da Evangelização Jovem. Cada delegação de Associação apresentou o seu relatório de actividades e foi tão maravilhoso ouvir co-

mo o Espírito Santo está ali operando, que quase nos sentíamos na igreja primitiva: meninas a quem os pais batiam por irem à igreja; jovens rejeitados pela sua comunidade por causa da sua nova fé; grupos de jovens que proclamaram o Evangelho em áreas ainda não penetradas, que organizavam comunidades de crentes; jovens leigos que fizeram reunião com 600 ouvintes e de que resultaram 200 baptismos! Histórias de milagres que, graças a Deus, nos chegam também de outros lugares.

O grande dia deste congresso foi, como é natural, o Sábado. O signatário, departamental de Jovens da Divisão e convidado para pregar o sermão deste dia especial, falou sobre a esperança. Esta centrou-se em *Deus, em quem confiamos*.

De tarde realizou-se uma cerimónia baptismal, na qual 80 jovens deram público testemunho da sua entrega a Jesus e 120 responderam ao apelo para se baptizarem proximamente, indicando os seus nomes e moradas para futuro contacto.

Embora se tratasse de um congresso nacional, esteve presente um grupo de 30 jovens suíços de língua francesa que vieram até à Roménia e trouxeram alimentos, roupas e remédios, o que constituiu uma ótima colaboração. Eles participaram também nos cânticos de rua, ao lado dos romenos.

No domingo houve ainda tempo para celebrar o casamento de dois jovens casais. Que bela cerimónia, com 10.000 amigos!

Como diz o presidente da União Romena, Nelu Dumitresco, «nada é impossível na

Roménia». E este congresso foi bem a prova disso. O próximo congresso terá lugar num estádio nacional e então, crê Buciuman, este record de 10.000 participantes será batido. A

Roménia é como um pequeno Brasil Europeu, uma terra de crescimento e milagres.

John Graz
Departamento JA da DEA

Moçambique: Mais uma organização de Desbravadores

Vindos de todo o país, reuniram-se na cidade da Beira, no passado dia 11 de Setembro, 80 dirigentes de Desbravadores para receberem o respectivo distintivo. Na cerimónia de investidura, presidida pelo Dr. John Graz, departamental JA da Divisão Euro-africana, foi declarado: «Este é um momento histórico. Temos de novo uma organização de Desbravadores Adventistas em Moçambique, após quase 20 anos em que isso não foi possível.»

Os delegados presentes ficaram-se um alvo para este ano de 1994: organizarem 10

clubes e terem 2.000 Desbravadores.

A Igreja Adventista de Moçambique tem um potencial de 15.000 Desbravadores. A longo prazo, eles podem tornar-se a primeira organização cristã de jovens do seu país. Como referiu John Graz, «uma organização de jovens bem treinados e dedicados é o melhor que a nossa Igreja pode oferecer a este país tão afectado pela guerra e pobreza». Os novos dirigentes de Desbravadores tomaram o compromisso de servir a Deus, as crianças e o seu país. — *Info-press*, Berna.



Primeira cerimónia de investidura para dirigentes de Desbravadores, Beira, Moçambique.